

Peniel vai presidir e relatar CPI

José Varella

Primeira reunião, prevista para hoje, às 11h, vai definir a estratégia da comissão para investigar a ação de arapongas

Fátima Xavier
Da equipe do Correio

Um líder evangélico de 37 anos, o deputado Peniel Pacheco (PSDB), vai presidir e acumular a função de relator da primeira comissão parlamentar de inquérito que vai investigar os serviços de informação e contra-informação das Polícias Militar, Civil e do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, a CPI da Espionagem, sete anos depois de reinstaurada a democracia no Brasil. Os líderes do governo e do PMDB ficam também no comando dos trabalhos como sub-relatores.

A CPI foi instalada, ontem, às 16h, em sessão extraordinária em que foram eleitos o presidente, Peniel Pacheco, e o vice-presidente, José Ramalho (PDT). Peniel avocou a relatoria, conforme prevê o artigo 40 do Regimento Interno da Câmara. E nomeou como sub-relatores o vice-presidente, Ramalho, e os líderes do Governo, Lúcia Carvalho (PT), e do PMDB — maior partido da oposição —, Luiz Estevão. A primeira reunião já está marcada para as 11h de hoje.

A fórmula de consenso foi discutida numa reunião prévia, no início da tarde, com os nove deputados titulares que compõem a comissão. Ela dá participação igualitária aos principais partidos com representação na Casa.

O consenso, que vem marcando a CPI desde a sua criação, demonstra a cautela com que parlamentares de todos os partidos vêm tratando o assunto. A surpresa foi o presidente, numa medida inédita, acumular a relatoria. Mas a indicação dos principais líderes como sub-relatores acabou desmascarando os dois parlamentares, que juravam de pés juntos que não ficariam no comando dos trabalhos para não permitir disputa política dentro da CPI.

“Os três sub-relatores terão as mesmas tarefas e acesso simultâ-

neo a todos os documentos confidenciais”, disse Luiz Estevão. A deputada Lúcia Carvalho fala até em código de ética para nortear o comportamento dos membros da comissão frente aos arquivos confidenciais.

Peniel disse que algumas sessões deverão ser secretas e que a reunião de hoje vai traçar a linha das investigações. Os deputados não discutiram ainda quem serão os primeiros a depor ou quando vão requisitar os relatórios da P2, a polícia secreta da PM. “Para atender o que a sociedade espera, a CPI tem que se balizar num comportamento que transcende as diferenças políticas”, disse o deputado Tadeu Filipelli (PMDB), titular da comissão. Ao ser perguntado se a Câmara tem maturidade para essa responsabilidade, o deputado afirmou: “Se não tiver, vai ter que amadurecer”.

O deputado Cláudio Monteiro (PPS), policial civil que está fora da comissão, acha que os objetivos da CPI de investigar os serviços secretos das duas corporações e da instituição civil, são uma tarefa “muito delicada” e complexa: “Que Deus os proteja e os ilumine, pois se não tiverem proteção divina não vão a canto nenhum”.

Peniel Pacheco, o presidente da CPI, admite também que é um desafio investigar militares, mas “se eles têm mecanismos de proteção, a CPI tem de investigação”. O deputado e policial militar João de Deus (PDT) disse que a CPI é de arapongas espionando deputados e deputados investigando arapongas. “Se ficarem só na bisbilhotagem, contarão com o apoio dos militares.”

Luiz Estevão, por sua vez, assegura que os parlamentares vão, de fato, investigar os porões da espionagem. Ele quer analisar o conteúdo de todos os relatórios, que se conheça o tamanho da estrutura dos serviços secretos e suas ramificações e os responsáveis pela espionagem política e da vida pessoal dos deputados.



Na sessão de ontem, em que foi instalada a CPI da Espionagem, Peniel Pacheco (ao microfone), ao ser eleito presidente, avocou também a relatoria

